

ABANDONO EM DEUS

QUANTO É GRANDE A TUA BONDADE, SENHOR!

O Espírito Santo atrai alguns para um modo de maior perfeição, que é abandonar-se todo em Deus.

Pouquíssimos são os que compreendem o que Deus faria deles, se ele não fosse por eles impedido nos seus desígnios. Isto é verdade não só nas pessoas particulares, mas também ao mesmo tempo nas comunidades. Requer-se uma diligência delicada para fazer, do nosso lado, o que é necessário para não impedir aquilo que Deus pode e quer fazer do seu lado. “Senhor, tive medo de tua obra” (Ab 3,2), dizia o profeta. Se nós caminhássemos com diligência, fazendo os outros também caminha de comum acordo, veríamos de fato obras tão magníficas da direita onipotente de Deus, que não só teríamos assombro, mas oprimidos por ele e pela força da admiração sairíamos fora de nós mesmos. “Quão grande é, Senhor vossa bondade, que reservastes para aqueles que vos temem, com que tratais aos que se refugiam em vós, aos olhos de todos” (Sl 30,20).

O amor de Jesus nosso Senhor seja a espora que nos estimule continuamente e nos solicite. “O amor de Cristo me constrange” (2Cor 5,14), já que ele corre a passos largos, ao nosso encontro. “Eis que venho em breve” (Ap 22,12). “Vem, Senhor Jesus!” (id v. 20). “O Espírito e a esposa dizem: ‘Vem!’ E o que escuta repita ‘Vem!’” (id v. 17).

Lembremo-nos daquelas duas palavras do Senhor: a primeira: “sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,5) e a outra: “Tudo posso naquele que me conforta” (Fl 4,13). Saibamos esperar a abundância do Espírito e da dileção segundo o mandamento de Cristo (cf Lc 24,49), e revestidos então da força do alto, encontraremos fácil o impossível.

FELIZ O QUE SE PERDE NESTE ABISMO

O Senhor quer que nos recordemos dele, e nele esteja perpetuamente firme e recolhido todo o nosso pensamento e o nosso afeto. E se por isso esquecermos outras coisas, ele ou saberá lembrar-nos ou com sua Providência saberá levar a coisa muito melhor do que teríamos feito com a nossa lembrança e pensamento. Em suma, nós somos sempre diligentes quando “amamos a Deus”. Feliz quem pudesse se esquecer de qualquer outra coisa sua para lembrar-se “só de Deus!”.

Feliz aquele que se perde neste abismo, que se atira, animado e náufrago, neste oceano! Nunca está mais segura uma criança que quando, adormecida no colo da mãe, abandona todo pensamento e cuidado consigo. Ela não vê, não ouve, não fala. Mas por ela vê, ouve, fala e age a mãe. E quando ela quer, sabe e pode acordá-la, já que está bem perto dela.

Não nos contentemos de andar atrás dos perfumes de Nosso Senhor, mas peçamos com fé e confiança: “Arrasta-me após ti” (Ct 1,4), e então, tomados pela mão dele, veremos o nosso

espírito unido ao de Deus e tornado uma só coisa com ele, não somente caminhar e correr, mas saltar com saltos de gigante.

Um homem de oração não faz senão ir ao encontro das coisas conforme o Senhor se dispõe com sua Providência. Não previne, não precede, tudo é ordem, tudo tranquilo. Não é precipitado, nem apressado. Aguarda o tempo, as circunstâncias. Tudo isto seguindo Deus. Para ter estas luzes que certificam, confirmam, aperfeiçoam a consciência sobre os desígnios de Deus, é necessária muita oração.

NÓS ESTAMOS EM DEUS E NELE VIVEMOS

Quem jamais poderá engrandecer dignamente, não digo todos, mas mesmo um dos benefícios divinos?

O fundamento de todos é certamente o ser, que não nos foi dado simplesmente uma vez para sempre na criação, mas é renovado constantemente com a conservação. Deus conserva as criaturas na existência que lhes deu criando-as – afirma S. Tomás – com o continuar a dar-lhes aquele ser do qual cairiam no nada, se Deus tirasse a sua ação tanto contínua quanto necessária. Portanto, aquela onipotência, que Deus usou para criar-nos do nada, Ele a empregou conosco para conservar-nos até este momento, no qual nós queremos abrir os olhos para reconhecer um dom talvez antes desconhecido, ou não suficientemente apreciado por aquilo que é.

Com o ser a vida. Já observamos propositadamente quão múltiplas e ocultas são as causas das quais dependem em nós a vida do corpo? Não existe máquina que disponha de uma outra tão complexa harmonia de engrenagens tão finas e delicadas. Observamos ainda como são inumeráveis os acidentes contrários que insidiam o curso da vida e arriscam provocar a morte? Imaginemos, por aquele pouco que nos é dado conhecer, que assídua e vigilante assistência se exige da parte do supremo Artífice para manter a vida temporal. E se esta vida, a nós conservada até aqui, reconhecemos como seu dom, tornemos conhecedores das obrigações que temos para com seu providente e inestancável cuidado.

Ó sumo e excelso benfeitor! Eis quanta solicitude tem para conosco a vossa Bondade! Agora entendemos a força daquelas palavras do Apóstolo: “porque nele é que temos a vida, o movimento e o ser” (At 17,28). Nós somos em Deus como naquele que nos conserva no ser dando-nos a todo instante, e não só somos nele, mas nele vivemos, desde o momento que ele conserva igualmente em nós aquela vida que junto com o ser nos deu.



(De “A Gramática de Pe. Gaspar”)

ABANDONO EM DEUS (cont.)

OS PRINCIPAIS DONS DE DEUS

Os principais dons de Deus são aqueles que dizem respeito ao espírito e conduzem à vida eterna.

O primeiro desses maiores dons é a fé, que Deus prodigiosamente conserva ainda hoje em nós. Não é de fato sem um prodígio de gratuita misericórdia que entre as ondas borrascosas de um mar tão agitado, entre o ulular de ventos tão poderosos, no meio de tantas iniquidades, este excelso dom não tenha naufragado em nós? Se confrontarmos os costumes do nosso tempo com aqueles dos povos que perderam a fé, e reconhecendo que somos ainda mais merecedores de ser privados de uma tal graça, apreciaremos como um benefício de Deus tanto maior o fato que ela nos seja conservada.

O outro dom, também principalíssimo, é a pregação da palavra de Deus. Basta saber que este é o meio ordinário e efficacíssimo para a conversão dos pecadores e para a santificação dos justos. E parece que nesses nossos tempos Deus tenha redobrado o dom do Espírito os seus evangélicos pregadores. Jamais se ouviu falar com maior constância, com maior fervor, com maior liberdade.

Vejam agora de não abusar de dons tão singulares. Temamos os próprios dons, porque se logo não nos convertermos, será tanto mais triste encontrarmo-nos abandonados quanto mais longo e paciente foi o cuidado que nos foi prodigalizado. Mas se estamos resolvidos a nos converter totalmente a Deus, e fazer quanto nos é possível para que também os outros se convertam, podemos ter confiança de receber dons ainda maiores. Se Deus tanto beneficia os que ainda são seus inimigos, quanto mais beneficiará os que se converterem a ele, quanto mais beneficiará os que com ele são reconciliados e se lhe tornaram amigos?

Elevemos, pois, o nosso coração, unamos nossas vozes para agradecer e bendizer uma tão excelsa, amorosa, infinita beneficência!

DEUS NOS BENEFICIA EMBORA INDIGNOS

Consideremos um pouco a quem Deus concede benefícios tão grandes, tão contínuos. Talvez a filhos obedientes? A amigos que se interessam pela sua honra? A súditos que observam suas leis?

Se assim fosse, seria sempre grande maravilha que um soberano tão poderoso e excelso abaixasse para cuidar de criaturas tão pobres e vis. Mas que Ele cumule de dons e de favores filhos que com ingratidão se afastaram dele, de súditos que se rebelaram contra suas leis, isto excede a toda a admiração.

E não é verdade que nós somos assim? Podemos dizer que por nós seja honrado como se deve o Pai celeste? Se publicamente, em toda praça, em toda rua, em toda esquina, se maltrata “o seu nome santo e terrível” (Sl 110,10). Onde está a obediência às suas leis? E

também nós, cristãos empenhados, procuremos tirar-nos fora totalmente do numero dos rebeldes. Não pecam só os que fazem o mal. Pecam também aqueles que se descuidam do dever da correção fraterna. Pecam aqueles a quem cabe de qualquer maneira a tarefa, e têm a possibilidade de impedir o mal e nada fazem para impedi-lo!

Reconheçam-nos, pois, todos humildemente pecadores, e com nossa confusão saibamos que Deus não obstante continua a beneficiar-nos. Ao contrario, embora sejamos indignos e merecedores de maiores castigos, Deus nos cumula dos seus maiores dons.

TUDO CONCORRE PARA O BEM DE QUEM AMA A DEUS

Deus dá os talentos necessários segundo o fim da vocação. Disto nós jamais devemos duvidar, mesmo diante dos mais difíceis compromissos. Para Ele não faz diferença nos ajudar nas pequenas como nas grandes empresas. Estas, ao contrário, debaixo de um certo aspecto, são mais dignas dele, até se é verdade que diante de um ser infinito em toda perfeição tudo é pequeno e de pouca monta, enquanto por outro lado, tudo o que é pequeno e de pouca monta é sumamente grande quando foi feito por Ele.

Felizes aqueles que esperam na Divina Providência. Eles não têm nada a temer que se interponha em seus desígnios ou que tenda a obstaculá-los. Ela vai dispondo tudo para o fim pretendido, suave e fortemente ao mesmo tempo, e todas as coisas prósperas ou adversas, e a vontade dos homens sejam boas ou perversas, igualmente servem a Ele. “O Senhor faz tudo o que lhe apraz, no céu e na terra” (Sl 134,6). “Não há ninguém, Senhor, que possa resistir à tua vontade” (Est 13,9), e “tudo concorre ao bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8,28). Nem causa admiração tudo o que Ele vai fazendo em nossa vantagem, desde que o vemos subir, por nosso amor, à cruz.

Oh! Quanto é bom o Senhor e quanto supera todo nosso louvor! Por isso não devemos jamais cessar de louvá-Lo quanto podemos, porque assim Ele se compraz de ser admirado, amado, louvado por nós miseráveis vermezinhas. E temos ainda o dever de esperar que a nossa miséria será mudada um dia em tanta glória, e que seremos semelhantes a Ele. Seja agradecido, bendito, amado para sempre.



(De “A Gramática de Pe. Gaspar”)

ABANDONO EM DEUS (cont.)

CAMINHAR SOBRE AS ONDAS

Quem está no meio das ondas lembre-se que o Senhor está com ele, mesmo se dorme no barco, e lembre-se também daquele “vem” dito a São Pedro (Mt 14,29) pelo qual ele pôde caminhar sobre as águas. Ó amorosíssima, embora ocultíssima, Providência de Deus! Quem poderá ter medo, habitando em suas mãos e na sua proteção? (cf Sl 90,1).

Nós estamos sempre num mar de afazeres e de ais, e não obstante se vai, porquanto muitas vezes nos encontramos no escuro esperando ser levados pelo bom Deus que nos guia, ao claro, quando quiser. Também vós colocai vossa esperança em Deus. Ele pôde com o pão cozido nas cinzas alimentar Elias aflito e debilitado, para agüentar um longo caminho (cf 1Rs 19,7-8).

Façamos o que nos dita a prudência em todo caso e com liberdade, confiando na amorosa Providência de Deus. Assim é importante para sua glória, e nós devemos com todos os nossos interesses e desejos voltados para Ele. Se tivermos paciência de esperara, veremos não somente satisfeitos, mas ultrapassados os nossos desejos.

Quem espera em Deus jamais será confundido, nem envergonhado. E por outro lado Deus nosso Senhor faz muitas vezes as coisas saírem de outro modo daquele que nós havíamos projetado: a fim de que se saiba que “se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem” (Sl 126,1).

À NOITE O SENHOR FAZ BRILHAR AS ESTRELAS

As obras de Deus têm suas provações, e com estas Deus quer mostrar que é Ele que dirige e conduz a bom termo as suas obras, fazendo retirar a mão do homem através as dificuldades que permite. Assim o homem cede humildemente a mão à divina Providência, vendo claro que unicamente dela depende o êxito e sua conservação.

Portanto, quando é noite para nós é dia para Ele, que sabe bem o que deve fazer. Nós devemos elevar as mãos ao Céu, quando não sabemos onde colocá-las, nem o que o seja melhor pedir a Deus. “Durante as horas da noite, levantai as mãos para o santuário” (Sl 133,12). Eis uma outra lição que o nosso bom Pai nos explicou desde o princípio, tirando luz das trevas, e que Ele na sua bondade está disposto ainda hoje a explicar-nos, transformando a treva em que deixa nossas obras no esplendor admirável da sua glória. Portanto, “confia no Senhor e faz o bem” (Sl 36,3).

Jamais percamos o ânimo! No paraíso será sempre dia claríssimo: lá não poderemos mais perder de vista o nosso Senhor. Mas enquanto estamos nesta terra, os dias e as noites se revezam. Nós prossigamos o nosso caminho, mesmo de noite o Senhor faz brilhar alguma estrela. Embora em uma noite tempestuosa, acontece que paremos um pouco e talvez, caminhando sobre as águas, voltemos os olhos para olhar um pouco as ondas, insto não quer

dizer ter saído do caminho, mas haver vacilado um pouco. E o Senhor nos repreenderá um pouco: “Homem de fé apoucada, porque duvidaste?” (Mt 14,31). Mas ao mesmo tempo nos sustenta com sua direita, e nós já nos encontramos na mão de Deus. Portanto, seja bendito o Senhor.

A IGREJA MODELO DE ABANDONO EM DEUS

Este é o modo justo de proceder, dar um passo onde se vê claro, esperando para dar o segundo devagarinho conforme avança a claridade. Se no momento da nossa ação estamos ainda no escuro, o Senhor com seu dom de esperança, de caridade, de consolação, nos mantém firmes para esperar o momento da luz para começarmos a agir. Se ao contrário estamos no claro, ele nos anima para a execução.

Parece ser esta a prática de sua Esposa, a Igreja. Assegurada pela promessa divina da assistência do Espírito Santo, ela não deixa de buscar a luz para agir. E quando vê claro não deixa de agir, de estudar, de consultar para proceder além na luz e na ação. E quando é impedida de agir, aguarda o momento, confiada em Deus. E nessas duas maneiras é sempre uniforme o seu abandono em Deus. Este é verdadeiramente o perfeito modelo de abandono nosso no Senhor.

Bela virtude é abandonar-se nos braços onipotentes da Divina Providência quando não podemos agir, mas mais perfeita e consumada virtude é – porem quando nós podemos e devemos agir com nossas mãos, segundo a ordem colocada pela Providência – não cessar jamais de estar igual e totalmente abandonados às suas.

Assim parece que se comportava aquele que dizia: “Não sou mais eu que vivo (e por conseguinte, ajo), mas Cristo vive (e por conseguinte, age) em mim” (Gl 2,20). E: “quem fala, o faça como se as palavras fossem de Deus” (1Pd 4,11).



(De “A Gramática de Pe. Gaspar”)

A CARIDADE FRATERNA

AS RAÍZES PROFUNDAS DA CARIDADE CRISTÃ

A caridade é antes de tudo uma perfeita amizade que passa entre nós e Deus. Ela porém, em vista de Deus, se estende também ao próximo, enquanto ele é coisa toda de Deus que a Ele pertence, tendo sido criado por Deus à sua imagem, tornado seu filho e remido com seu sangue, tornado por ele capaz, ao mesmo tempo que nós, da mesma felicidade eterna.

“Vós sois corpo de Cristo e seus membros” – ensina S. Paulo (1Cor 12,27) – portanto como membros devemos ser solícitos um ao outro, solícitos pelo bem temporal, e ainda mais pela salvação eterna.

Vejamos em nosso corpo como um membro ajuda, carrega, sustem, orienta, defende, alimenta o outro, e desta recíproca solicitude deriva toda a saúde do corpo e também de cada membro. Mas suponhamos que cada membro procurasse só o que é seu; que o pé parasse em um preguiçoso repouso, recusando transportar os outros membros; que a mão não apresentasse o alimento ao paladar; que este, satisfeito com seu sabor, não o enviasse ao estômago; ou que o estômago muito glutão guardasse tudo para si, negando aos outros membros o alimento necessário. O que aconteceria? Perceria o corpo e com ele cada um dos membros.

Assim também aconteceria conosco, se cada um procurasse só o que lhe interessa, uma vez que nós somos um só corpo em Cristo, e seus membros. Estupendo ensinamento! Cuidemo-nos, pois, uns dos outros.

A CARIDADE CRISTÃ É DOCE

“Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amo” (Jo 15,12). Ora a caridade de Cristo apresenta certas qualidades específicas que devem servir de modelo: é doce, é benéfica, é universal. Se faltar um destes caracteres, não é cristã.

Antes de tudo, a caridade é doce: em todas as coisas. Já nas maneiras exteriores ele observa uma inalterável medida e moderação. O que teve de suportar de um povo rude e incrédulo? Com que condescendência tratava tantos espíritos hostis e a eles se adaptava para persuadi-los e conquistá-los: na verdade “se fez tudo a todos” (cf 1Cor 9,22). Quantas recusas sofreu sem se queixar, quantas resistências e contradições dos seus Apóstolos, pobres pescadores sem cultura e de escassa educação. Quanto não lhe custou ensiná-los! Muitas vezes eles tinham contrastes e altercações entre si, e ele fazia de tudo para pacificá-los, vivendo junto e em comunhão com eles, apesar de certo desgosto que muitas vezes poderiam proporcionar-lhe.

Assim Jesus pôde dizer com toda verdade: “Aprende de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29), e aprendei como deveis ser também vós.

E eu aprendi a suportar as fraquezas dos outros? Porém é necessário que os outros suportem as minhas. Seria uma verdadeira injustiça pretender compreensão e perdão dos outros, e não lhes dar nada de minha parte. Os eventuais defeitos dos outros devem servir para aperfeiçoar e purificar a minha caridade, não para enfraquecê-la. Devo também viver com

pessoas que têm cada uma as próprias idéias como eu tenho as minhas, que têm também como eu, os próprios humores, caprichos, prejuízos, erros. Não está em mim mudar estas pessoas, e por outro lado jamais conseguiria. Pelo bem da paz e a manutenção da caridade não me resta senão adaptar-me a elas por quanto é possível, e conquistá-las pela doçura.

“Bem-aventurados os mansos porque possuirão a terra” (Mt 5,5), isto é, saberão conciliar os corações. Um pouco de domínio sobre mim mesmo poderá prevenir tantos males, e vale bem a pena impor-se qualquer sacrifício para detê-los.

A CARIDADE CRISTÃ É BENÉFICA

Cristo usou seu poder divino para cumular de graças aqueles dos quais teve que suportar com tanta doçura as imperfeições: “passou fazendo o bem” (At 10,38), expulsando os demônios, consolando os aflitos, curando os enfermos, ressuscitando os mortos, anunciando o reino de Deus e esforçando-se continuamente para a salvação das almas.

Eu não posso, como Jesus Cristo, fazer milagres em favor do próximo. Porém, existem todo dia ocasiões de prestar serviços e de ajudar os outros; e é o que faz a caridade cristã. Tenho eu, a propósito todo o ardor e o empenho necessários? Ou não sou por acaso uma daquelas almas indiferentes, ocupadas só com os próprios interesses, incapazes de impor-se um sacrifício para agradar os outros?

Se em força do meu ofício tenho uma obrigação particular de prestar socorro ao próximo e de prover às suas necessidades, como me desempenho? Faço-o com exatidão, de boa vontade, com amor?

Jesus Cristo nos advertiu expressamente que seremos tratados pelo Pai como nós tivermos tratado os nossos e seus irmãos. Segundo tal medida, o que posso esperar de Deus e com que segurança poderei pedir-lhe que espalhe sobre mim a abundância das suas graças?



(De “A Gramática de Pe. Gaspar”)

A CARIDADE FRATERNA (cont.)

A CARIDADE CRISTÃ É UNIVERSAL

A caridade de Cristo é admirável na sua extensão. Como fora mandado por seu Pai para todos os homens e justamente por seu Pai os amava, se dividia igualmente entre todos, e a todos indistintamente se voltava, sem exceção por ninguém. Hebreus e pagãos recebiam dele os mesmos ensinamentos e as mesmas curas, tanto da alma como do corpo. Jamais foi visto ter repugnância pela miséria e pobreza de uns, nem ceder à preferência em favor de outros por motivo de opulência ou de poder.

Mesmo aqueles que se declaravam mais abertamente e mais injustamente contra Ele, o encontravam sempre disposto a fazer-lhes todo o bem que se podia esperar, e não dependia senão deles obter, recorrendo a este divino Senhor, todas as graças de que Ele era dispensador. Por seu lado Ele não só lhes era disposto, mas para tal fim os chamava, os convidava e os procurava.

E eu? Se não me esforço para fazer chegar a este ponto a minha caridade para com o próximo, não tenho senão, uma caridade, imperfeita, ou até mesmo falsa, porque não é autêntica caridade cristã. A caridade cristã faz com que amemos o próximo em consideração a Deus seu Pai e por causa Dele. Ora tal motivo não é limitado; querer restringi-lo a certos indivíduos, sem estendê-lo a outros, significa destruí-lo absolutamente e como que aniquilá-los. Por isso o Filho de Deus, e depois dele os Apóstolos, recomendando-nos o exercício da caridade como um dos empenhes mais essenciais, serviram-se de um termo absolutamente geral: amai os vossos irmãos, os vossos próximos.

A CARIDADE FRATERNA: O MELHOR INVESTIMENTO

Oh Deus! Todos hoje só procuram o próprio interesse, o próprio gosto, a própria utilidade: "Todos buscam os próprios interesses e não os de Jesus Cristo" (Fl 2,21). Também nós nos encontramos a procurar nada mais do que a nossa utilidade. Todavia, pensando bem, se deve dizer que já mais podemos ter o nosso autêntico bem se não temos em nosso coração o bem do nosso próximo.

Estejamos bem convencidos que todas as nossas vantagens estão nas mãos de Deus e dependem de Deus, Ora, não refletimos sobre o fato que Deus ligou todas as nossas vantagens ao cuidado que devemos ter para com o nosso próximo?

Mas é exatamente assim; como se vê na Sagrada Escritura, Já no Antigo Testamento está escrito: "O que dá ao pobre, não padecerá penúria" (Pr 28, 27). E, vice-versa, aquele que despreza as orações do próximo necessitado, sofrerá penúria (cf id.). No que diz respeito, pois, as vantagens espirituais, que são as mais desejáveis, o próprio Deus diz pela boca de Isaías que a alma do homem benfazejo para com o próximo será como "um belo jardim irrigado por uma

fonte de água perene (cf Is 58, 11). E, ainda nos Provérbios, "Quem se faz de surdo aos gritos do pobre, não será ouvido quando ele mesmo clamar" (Pr 21, 13).

No Novo Testamento, pois, diz o Evangelho: "Com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos" (Mt 7,2). E S. Tiago na sua carta: "orai uns pelos outros para serdes curados" (Tg 5,16). Daí, depois de haver mostrado quão eficaz seja tal oração, conclui com este motivo: "Aquele que fizer um pecador retroceder do seu erro, salvará sua alma da morte e fará desaparecer uma multidão de pecados" (Tg 5,20).

O que podemos desejar mais claro, mais uniforme, mais explícito? Coloquemos bem pois na nossa mente que quem quer ter a própria utilidade deve procurar a utilidade de seu próximo; e que o "não procurar o próprio interesse", como ensina a caridade, é justamente o verdadeiro, ou melhor, o único caminho para consegui-lo.

NÃO JULGUEIS E NÃO SEREIS JULGADOS

"Porque julgas, então o teu irmão? Ou porque desprezas o teu irmão? Todos temos que comparecer perante o tribunal de Deus... Paremos de julgar uns aos outros" (Rm 14, 10-13). Devemos, pois, nos guardar das suspeitas para com os outros, que é como o veneno da amizade; que é, antes, verdadeiramente uma peste, escondida, mas gravíssima, capaz de afastar de Deus e de prejudicar a caridade fraterna.

Trata-se, substancialmente, de uma forma de soberba, e talvez por isto são por ela tentados justamente as pessoas espiritualmente mais empenhadas. Da humildade, ao contrário, deriva a simplicidade; que leva a prestar atenção antes de tudo aos próprios defeitos, àquilo que falta a nós mesmos. "Porque olhas a palha no olho do teu irmão – admoesta Jesus – enquanto não vês a trave que está no teu?" (Mt 7,3). Se descobrires no outro alguma coisa que te desagrade, olha bem se algo de semelhante não existe em ti, e corta. Se ao contrário descobres no outro alguma coisa que te agrada, olha se tu também a possui, e então cuida dela com carinho, e se por acaso não a tens, procura adquiri-la.

Quem quer cultivar uma autêntica caridade para com o próximo chora pelas culpas que eles cometem e se alegra pelas graças que eles recebem como pelo proveito que eles fazem. Assim é bonito porfiar-se em estimar-se mutuamente (cf Rm 12,15), por quanto é possível falar bem de todos, com absoluta humildade considerar os outros superiores a si mesmos, sem procurar o interesse próprio, mas o dos outros (cf Fl 2,3-4).



(De "A Gramática de Pe. Gaspar")

A CARIDADE FRATERNA (cont.)

CARIDADE E RECONCILIAÇÃO

Deus nos liga pela caridade com o próximo e com ele, de modo que o nosso melhor bem e o bem do próximo é o bem da glória da sua divina Majestade. "Rogo Pai, que sejamos uma só coisa" (Jo 17, 20 s). A caridade faz de tal modo que unidos, ou melhor, feitos uma só coisa, com a multidão dos nossos irmãos, cheguemos a nos tornar uma só coisa com Deus: "Como tu, Pai está em mim e eu em ti, também eles sejam uma só coisa" (Id).

Se por humana fragilidade tivesse havido qualquer desavença ou perturbação no relacionamento com um irmão, se deve logo procurar que, deposta toda a animosidade, se reconcilie cordialmente, e com a devida satisfação se torne à amizade um com o outro. S. Paulo diz: "Não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento" (Ef 4,26). E o Senhor, no Evangelho: "Se estás, portanto, para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferenda diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; só então, vem fazer a tua oferenda". (Mt 5,23s).

Amar-se-ão todos, mutuamente, com santa caridade, cuidando-se sempre de qualquer ocasião de proporcionar-se a mínima ofensa, ou com palavras ofensivas, ou muito pior com fatos. Se porém alguém as sofrer de qualquer irmão, procurará tolerá-la pacificamente por amor de Jesus. E se por uma fragilidade ofendesse alguém, procuraria reparar o mal prontamente; pedir desculpas e usar aquela boa graça que tolha imediatamente todo perigo de ressentimento e de amargura.

UM MÁRTIR DA CARIDADE: S. LUIZ GONZAGA

"A caridade não busca os próprios interesses" (1Cor 13,5). Entre as notas características da caridade, indicadas por S. Paulo no seu hino da primeira carta aos Coríntios, esta é a mais própria e específica.

Ora é justamente desta caridade que deu exemplo, verdadeiramente forte, S. Luiz. Deu-o principalmente quando, tendo explodido em Roma uma peste mortífera, ele demonstrou se interessar tão pouco pela própria vida que, expondo-se para conforto dos irmãos atingidos pela doença, e justamente nos hospitais públicos onde com maior força ela enfurecia, em breve tempo chegou a perdê-la, atingido ele próprio pela epidemia. Verdadeiramente a caridade não procura o próprio interesse.

Mas já antes, esta mesma caridade o havia levado a abandonar o pensamento de entrar, segundo a mais doce inclinação dos seus afetos, em um claustro de contemplativos, para dar ao invés o seu nome à Companhia de Jesus, onde quase em um perpétuo exercício de disciplina apostólica, novos combatentes se adestravam para sair a campo aberto a fim de sustentar o peso das mais árduas e cansativas expedições missionárias para o bem do próximo e para a glória de Deus; escolha de caridade, esta, digna de fervoroso coração apostólico de um S. Paulo!

Caro santo, acendei em nosso coração uma só centelha da vossa escaldante caridade, para que desperte em nós uma viva chama que, dilatando-se em favor do nosso próximo, mereça depois elevar-se até o Céu; onde unindo-se a Deus, imenso fogo de caridade por essência, nele encontre feliz descanso por todos os séculos.

A CARIDADE APOSTÓLICA DE S. ZENÃO

Como pôde esse homem sozinho em tão pouco tempo erradicar e destruir os sinais dos males tão grandes que a tanto tempo haviam dominado o mundo? Eu o digo brevemente: com a caridade. A caridade que se revelou, logo na entrada em Verona, nos sinais exteriores de mansidão e de alegria, desbaratou a idolatria; esta caridade que apresentada em todo o decoro e a glória da sua santidade – vale a pena dizer no cortejo de todas as virtudes heróicas e dos dons celestes, especialmente da sabedoria que brotava perenemente dos seus lábios – acabou com toda a heresia.

Ora esta mesma caridade, que S. Zenão chegou a transfundir do seu coração àqueles dos fiéis, chegou a um certo ponto que tolheu do meio todo resíduo dos males antigos e renovou totalmente e recompôs a mesma sociedade. Este grande Padre e Doutor realizou verdadeiramente o que ele mesmo havia escrito com muita perspicácia em uma belíssima sentença: "Caritas transit in populum: a caridade passa para o povo".

Ele amava o seu povo e se esforçou para que o povo amasse seu Pai. Os veroneses descobriam admirados, no seu bispo, tantas virtudes, tanta sabedoria, tanta caridade; abandonaram-se todos aos seus cuidados, ao seu governo. E este Sábio deu a lei ao seu povo; antes, isto que constitui o fim e o escopo último de toda sábia legislação, ou seja, a amizade que deve unir com vínculo forte e suave toda, a sociedade. O amor mútuo de fato, fundado sobre uma comunicação civil, liga com nós alternados os membros entre si, e todo o corpo social à sua cabeça.

Bem se pode dizer, pois, com a imagem de Isaías, que S. Zeno fosse aquele serafim aceso de caridade suave, iluminada, ativa e eficaz, que com o carvão ardente da divina palavra tocou os lábios deste povo que a idolatria e a heresia ariana haviam contaminado e dividido; e graças àquele toque de fogo vivo de caridade ele foi renovado e ao mesmo tempo reunido na confissão do nome de Cristo, As tenazes com que o nosso Doutor mantinha o carvão encostado nos lábios são as Sagradas Escrituras do antigo e do novo testamentos, que ele expunha mostrando a verdadeira fé ao seu povo. Com isto ele obteve que a Igreja de Verona, amestrada pela sua doutrina, fosse gloriosa e sem mancha de vício ou de erro, nem ruga de defeito ou de antiguidade.



(De “A Gramática de Pe. Gaspar”)

PROVAÇÕES

“... Chegamos assina ao ano de 1848, ano muito crítico e turbulento, em que os ânimos ébrios de liberdade, e sonhando com vagas reformas fremiam sob o jugo da autoridade. Quase todos os príncipes italianos já haviam feito concessões a seus súditos; e isto excitou ainda mais os ânimos dos Vênetos e Lombardos, desejosos de sacudir o jugo austríaco e de conseguir a liberdade que seus irmãos já gozavam. Nem faltava os que procuravam atizar-lhes nos corações o ódio ao estrangeiro; muitos, também, que pouco se interessavam pelo bem da população, e animados de ódio contra a religião aproveitavam os legítimos anseios do povo para conseguir o triunfo dos princípios anti-religiosos de que estavam imbuídos. Esses formavam a maior parte das seitas que floresciaam então por toda a Itália; e aceitando as teorias dos jacobinos franceses, secretamente nas sombras, orientavam o movimento, preparando os assassinatos, a revolta contra a autoridade e a revolução civil.

Os tempos eram muito difíceis, e exigiam muita prudência; com ela Pé. Gaspar orientava seus filhos. Mas não se esquecia dos princípios ensinados pela fé. Convencido de que a revolução é um grande mal, mostrou-se sempre fiel às autoridades constituídas, censurando e condenando as intrigas das sociedades secretas. E procurava infundir esses princípios, também, nas mentalidades dos outros. "Nas pregações (diz o Pé. Lenotti) ele e seus companheiros, sem medo, mesmo em 1848, tiveram a coragem de pregar a máxima católica da submissão devida à autoridade".

Não devemos admirar se foram alvos dos sectários e acusados de inimigos da pátria e da liberdade. Aliás, sabemos pelo mesmo Pe. Lenotti, que os inimigos de Pe. Gaspar haviam-lhe preparado ciladas e faziam planos sobre seus bens".

Naquele mesmo ano, nossos padres tiveram que sofrer, também por parte do governo austríaco, as conseqüências de seu zelo. Vejamos os fatos em nossas crônicas. "Muitos soldados antes de ir para a batalha pediam para reconciliar-se com Deus. Principalmente na igreja de S. Nicolau havia grande concorrência deles. Pe. Gaspar atendendo pedidos, mandou dois dos seus, os Pes. Francisco Benciolini e Inocente Venturini, para atender as confissões daqueles pobres infelizes. Começaram a correr boatos pela cidade de que os sacerdotes, ao invés de confessarem, compravam os soldados com dinheiro e os incitavam à deserção. Não foi preciso mais nada: a polícia imediatamente fez uma caçada, e logo juntamente com outros sacerdotes, os dois nossos foram detidos e levados para a prisão de S. Tomás, com escolta e capote e barrete militar. Por falta de sorte Pe. Benciolini tinha no bolso dinheiro de prata que lhe fora dado pelo próprio Pe. Gaspar, naquele mesmo dia, para sua alimentação, pois ele morava no convento dos Abandonados. E aquele dinheiro aumentou as suspeitas e tomou quase realidade uma simples conjectura. Eles e seus companheiros são declarados inimigos dos alemães, e apontados como os que subornavam os soldados. Durante muitas dias ficaram duramente confinados na cadeia, separados uns dos outros, sem nenhum conforto, exceto Deus, em quem eles colocavam toda a confiança; porque humanamente falando, estando a cidade em

estado de sítio, nada mais se podia esperar que, de uma hora para outra fossem condenados à morte".

Imaginemos, pois, o sofrimento de Pe. Gaspar, a desolação dos outros seus filhos, ao ver ameaçada a vida daqueles dois zelosos confrades, de quem tanto precisavam. Mas Deus protege seus servos; apenas divulgada a notícia da prisão deles, logo personalidades de grande influência e altos cargos, se uniram para declarar a inocência deles e sua fidelidade aos poderes constituídos. E tendo voltado o Marechal Radetski da tomada de Monte Berico, ordenou a libertação deles. Assim, depois de nove dias de dura prisão foram soltos, ou melhor, foram entregues ao Bispo para que os mantivesse no Seminário; e no dia 13 de junho, finalmente, foi comunicado pelo Bispo o generoso ato de graça!"

(1) - Crônicas do Pe. Gramego e do Pe. Zara. – É impossível imaginar os dissabores que sofreram naqueles dias que se encontraram amontoados em prisões humildes e escuras, com 5 colchões que deviam servir para 12 pessoas, e quase sem comida; e além do mais expostos às gozações dos soldados e de um ou outro oficial, que de vez em quando repetia a antífona: - Padres, mais uns dias e depois o paredão. (cfr. Tomás Netti: Castelnuovo e os Austríacos; cap. XVI.)



(Breve Crônica, números 74 e 75).

A ORAÇÃO E AS ORAÇÕES

O RESPIRO DA ALMA

A oração é a vida da nossa vida e alma da nossa alma; é como o respiro. “Abro a boca e atraio o Espírito” (SI 115, 131). Como a todo o momento recebemos os dons da divina bondade, assim a todo o momento seria justo que o nosso coração se elevasse a Deus.

Procuremos estar com o espírito sempre no alto, pousados e repousados sempre Nele, espiritualizando com isso toda nossa ação e todo nosso atuar. A mãe às vezes mostra ao filhinho um fruto na sua mão. Ao ver a beleza daquele fruto, o filhinho se alegra e faz festa; mas a alegria se transformarem tristeza, a alegria em pranto quando vê que por mais que levante as mãos não consegue alcançar a mão materna que está agitando lá em cima. O que faz ele para conseguir aquele fruto? Abraça-se à mãe e não para de pedir-lhe. Assim o consegue.

Digamos ao Senhor com grande confiança amorosa: “Dê aquilo que mandar, e mande o que quiser”. Esta palavra é do Espírito. E nós o que faremos? “Abro a boca ansioso e atraio o Espírito” (SI a.c.) Abrir a boca na oração é atrair a abundância do Espírito.

Como isto era possível concretamente, no-lo indica o mesmo Espírito Santo. “Nada te impeça de orar sempre” (Eclo 18,22): “é necessário orar sempre, sem jamais deixar de fazê-lo” (cf Lc 18, 1); “orai. sem cessar” (1Ts 5,17). Assim a oração ajudará a oração, e a diligência em fazê-la atrairá maior abundância de Espírito. E este Espírito “vem em auxílio à nossa fraqueza” (Rm 8, 26); de modos que possamos já aqui na terra oferecer o sacrifício perpétuo e perene e o holocausto que de si mesmos oferecem os espíritos bem-aventurados e santos no céu diante de Deus. Fizeram isto todos os servos de Deus exilados e peregrinos nesta terra. Com a mesma força e auxílios que eles puderam, o podemos também nós. E como isto agrada a Deus e reverte para sua glória, e Ele nos ordena, basta isso para que se possa fazer e se faça.

SEMPRE O CORAÇÃO EM DEUS

Devemos agir com verdadeiro espírito de fé; isto é com a convicção íntima e viva que o que devemos fazer por dever de nosso estado é querido por Deus, e que por isso cumprindo-o com fidelidade, nós obedecemos certamente a Deus e fazemos a sua vontade. Este espírito é necessário porque é a alma de toda ação; de outro modo nos aconteceria de ter trabalhado toda a noite sem apanhar nada (cf Lc 5,5): fiz, fiz; não fiz nada.

Acompanhemos cada ação com este espírito. Se está na escola, o coração em Deus; na igreja, o coração em Deus; no canto, à mesa, no passeio, no estudo, no sono, e o coração em Deus.

Animado por este espírito interior, também o comportamento exterior será marcado por aquele decoro, aquela compostura e modéstia não afetada, mas religiosa, que sirva para edificar o próximo. “Não há nada – ensina o Concílio de Trento – que valha para formar o próximo na piedade e no culto a Deus quanto a vida e o exemplo daqueles que se dedicaram ao sagrado

ministério. Do momento em que foram vistos como aqueles que da esfera dos interesses do mundo foram elevados a uma condição mais elevada, eles atraem o olhar dos outros, que tendem espelhar-se neles para tirar os bons exemplos a serem imitados”.

Não basta fazer as coisas como fazem muitos; é preciso fazê-las bem. Cristo “fez bem todas as coisas” (Mc 7,37).

TUDO É GRAÇA

Se queremos preparar um lugar em nós para que o Senhor cumpra todo o bem que Ele deseja, comecemos por ser-lhe reconhecidos por aquilo que já nos fez. Porque para Deus desagrada tanto a nossa ingratidão? Porque ela é como aquele vento desastroso descrito por Ezequiel (cf. Ez 19,12), que chega até mesmo a dessecar um terreno tão fértil como o da beneficência divina. A Deus desagrada quem lhe rende mal por bem, não pelo seu interesse, não tanto porque isto represente para Ele um grave insulto, mas porque o constrange em um certo sentido à esterilidade.

Parece impossível! Se um homem nos beneficia um pouco, nos sentimos perpetuamente obrigados a ele; se um grande personagem se nos demonstra cortês e benevolente, ficamos dispostos a dar por ele tudo o que temos.

Todavia não fazemos assim com Deus, que pela boca do Profeta se queixa: “Eu fortifiquei os seus braços, mas eles meditam o mal contra mim” (Os 7,15).

Pe. Gaspar costumava agradecer a Deus por tudo; e não somente pelas coisas prósperas, mas também por aquelas adversas e bem dolorosas. Esforçava-se muitíssimo para que também seus filhos amassem e praticassem esta atitude de gratidão para com Deus; tanto que não perdia oportunidade para inculcar isto nos seus ânimos. “Sejam dadas graças a Deus por tudo que nos fez na sua infinita misericórdia – dizia muitas vezes. Louvores sejam dados a Ele que nos tratou com o Pai que Ele é. De todo o coração agradecemos e cantamos o “Te Deum”. Assim formava seus filhos para serem gratos a Deus por todos os benefícios recebidos Dele.



(Da “Gramática de Padre Gaspar”: 255 – 226 – 227)

A ORAÇÃO E AS ORAÇÕES (cont.)

A ATMOSFERA DA ORAÇÃO

O Senhor quereria falar a certas almas se se retirassem um pouco, porque o mundo faz muito barulho em torno delas. As luzes de Deus, para serem recebidas e conservadas, requerem solidão, sossego, silêncio interior e exterior; de outro modo ou não se sentem, ou desvanecem e dissipam.

“Cabe ao homem formular projetos em seu coração” (Pr 16,1), diz a Escritura. Com o auxílio divino, portanto, procuraremos não usar diligência para preparar nossa alma às visitas de sua Divina Majestade, mas usá-la sumamente, especial e finíssima para mantê-la preparada constantemente. A guarda do silêncio, o evitar longas conversas e fugir de palestras frívolas; isto quer dizer ter pronto o ouvido à voz suavíssima do nosso Criador.

Pe. Gaspar caminhava sempre na presença de Deus e por isso quando andava pela cidade era visto o mais das vezes com a cabeça descoberta. De quando em quando saía com certos devotos afetos e sentimentos ternos e fortes de compunção, com isto um brilho exterior dos olhos, na compostura de corpo e do rosto, que infundia devoção e conforto, e mostrava visivelmente o espírito do Senhor de que estava cheio.

EXPERIÊNCIAS VIVIDAS DE ORAÇÃO

Conhecimento muito vivo, durante e depois da Oração, da imensa dívida que vincula cada um de nós a Deus por causa da criação e da redenção.

Encarnação. Sentimento de gratidão à SSma. Trindade e de correspondência a Jesus Cristo. Eu era obrigado a amar a Deus antes de se tornar homem, quanto mais agora.

Na bênção sentimentos de muita ternura, amor e oblação. Senti como Cristo atrai os nossos corações, exatamente como ele disse: "Atrairei todos a mim" (Jo 12,32); e como todo bem, sabedoria, suavidade que há nas criaturas é tudo coisa sua, por isso tudo só Ele deve ser louvado e amado.

Lendo eu alguma coisa da presença interior de Deus – isto é se Ele está dentro de nós não é preciso sair fora para buscá-lo; e que, tendo comida, faz mal aquele que vai procurá-la fora, porque continuará sempre em jejum - provei muito sentimento e grande recolhimento, que durou algum tempo depois, e grande desejo de agradar em tudo sua divina Majestade.

LITURGIAS DAS HORAS

Rezar os Salmos é um dever de grande importância para a vida espiritual. Todavia não prestamos bem atenção a isto. Estamos atentos e cuidadosos em ocuparmo-nos das nossas obrigações; e quando se trata da oração litúrgica arriscamo-nos fazê-la de maneira habitual, com a mente distraída, deixando-nos talvez prender por outras ocupações.

“Quando participamos do Ofício Divino, pensemos bem de que modo devemos permanecer diante de Deus e dos seus Anjos – adverte S. Bernardo – e ponhamo-nos a salmodiar de tal modo que o coração esteja em sintonia com a voz”. “Como podes pedir a Deus que te ouça, se tu mesmo não cuidas em ouvir-te? Queres que Deus se recorde de ti no momento em que o invocas, quando tu mesmo te esqueces de ti?”.

E depois ouçamos a voz do mesmo Salmista que nos convida ao louvor gratuito de Deus: “De bom grado, oferecer-vos-ei um sacrifício, cantarei a glória do vosso nome, Senhor, porque é bom” (Sl 53,8). “Louvo a Deus e me alegro pelo louvor em si mesmo, – comenta S. Agostinho – seja gratuito o que se louva e o que se ama. Que quer dizer gratuito? Que Deus é procurado por si mesmo, não por qualquer outra coisa. Deixa de lado todo o restante, cuida dele só, ama-O gratuitamente. Senhor, louvarei o teu nome porque é bom. Diz talvez “louvarei o teu nome porque me dás campos férteis, ouro, riquezas, dignidade?” Louvar Deus só por Deus; isto é louvar Deus verdadeiramente”.

O OFÍCIO DIVINO DE PE. GASPAR

O Ofício divino rezado com muita atenção e para a glória de Deus.

O Ofício divino era por ele rezado com grandíssima devoção, e para este fim se havia proposto um método; que observou sempre fielmente tanto no que diz respeito às rubricas, à pronúncia e à devoção interior, como também à postura exterior. Recitou-o sempre, mesmo doente, e só por obediência ao médico nos últimos dias o omitiu.

Ele considerava a recitação do Ofício divino não só como seu principal dever, mas mais ainda como uma doce conversação com Deus; atendo-se o quanto mais possível à canônica distribuição das horas do dia. A recitação familiar em comum das Matinas e Laudes, como também das Vésperas e Completas, era uma prática observada nos tempos de Pe. Gaspar.

A devoção de Pe. Gaspar na recitação do Ofício não foi passageira nem de pouca duração, mas ele a conservou constante e cada vez mais crescente até o final da vida; e a havia alimentado bem com aquele profundo conhecimento que um estudo indefesso lhe havia tirado da Sagrada Escritura, de que são entrelaçadas estas divinas orações.



(Da Gramática de Padre Gaspar: 228 – 231).

MEDITAÇÃO

A ALMA DA MEDITAÇÃO

A essência da oração mental consiste propriamente em uma conversação íntima com Deus nosso Senhor.

Isto se faz antes de tudo com a finalidade de louvá-Lo e bendizê-Lo pelo que Ele é em si mesmo, de agradecê-Lo pelos benefícios e as graças que nos faz, exercitando aquele modo de rezar que sugere S. Paulo: “enchei-vos do Espírito Santo. Recitai entre vós Salmos, hinos e cânticos espirituais. Cantai e celebrai de todo o coração os louvores do Senhor. Rendei graças, sem cessar e por todas as coisas, a Deus Pai, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo”! (Ef 5,18, 20). “A palavra de Cristo permaneça entre vós em toda a riqueza, de sorte que com toda a sabedoria vos possais instruir e exortar mutuamente. Sob a inspiração da graça cantai a Deus de todo coração salmos, hinos e cânticos espirituais” (Cl 3,16).

Um outro fim da oração mental é de pedir as graças necessárias. O modo de falar com Deus então é o do filho com o pai, do pobre com quem é rico e misericordioso, do enfermo com o médico, do aluno com o mestre, da esposa com o esposo.

Na meditação é bom falar também conosco mesmos, segundo a indicação do Salmista: “Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que existe em mim bendiga o seu santo nome. Bendize, ó minha alma ao Senhor, e jamais te esqueças de todos os seus benefícios” (Sl 102,1-2). “Porque te deprimas, ó minha alma, e te inquietas dentro de mim? Espera no Senhor, porque ainda hei de louvá-lo: Ele é minha salvação e meu Deus” (Sl 42, 5).

A MEDITAÇÃO SEGUNDO O MÉTODO DE S. INÁCIO

A oração mental, ou meditação é um exercício das faculdades inferiores da alma em torno dos objetos revelados pela fé. É um exercício fácil. Se estamos, acostumados da manhã à tarde exercitar estas faculdades – memória, intelecto e vontade – em torno de objetos sensíveis, porque pois não poderemos, com o auxílio da graça, elevar-nos um pouco acima e considerar as coisas eternas?

A memória traz à mente antes de tudo Deus nosso Pai, com o qual queremos tratar e conversar. Lembraremos depois o mistério que pretendemos meditar, considerando-o com brevidade e clareza nos termos em que nos ensina a fé, e subdividindo-o também em várias pontos.

Com a inteligência refletiremos sobre este mistério procurando desentranhar profundamente e de tirar fortes convicções práticas para propor à vontade. Esta tarefa da inteligência é particularmente empenhativa; porque é mais difícil pensar em uma coisa só, tendo fixo o olhar em Deus, sem divagar em outras coisas.

Cabe à vontade tirar das considerações feitas diversos afetos; com amor para com Deus e confiança na sua misericórdia, arrependimento dos pecados, humilde confissão da própria

miséria. Formular-se-ão também bons propósitos tendo presente que sem propósitos a meditação seria mais estudo que oração.

Depois ainda se voltará para Deus para um colóquio, como de amigo para amigo; para pedir a sua graça, para comunicar os próprios sentimentos e as próprias necessidades, para solicitar auxílio e conselho.

O VENTO E OS REMOS

Quando o Espírito Santo nos move com uma sua especial inspiração, tudo é fácil e suave; porque Ele mantém recolhida a memória., aviva os raciocínios, envia chuvas de reflexões, afervora os afetos, ordena os colóquios e completa perfeitamente todo o trabalho da oração mental, de modo que a nós não resta outra coisa a fazer senão cooperar com Ele sem fadiga.

Mas quando falta este especial socorro, é necessário que nós mesmos nos arranжем usando nosso livre arbítrio – e, naturalmente, com o auxílio da graça divina que nunca falta – para aplicar as faculdades do nosso espírito ao exercício dos seus próprios atos; e com isto movamos o mesmo Espírito Santo para vir ao nosso encontro com seu auxílio particular.

Os homens espirituais que se dedicam à oração não podem pretender estar sempre em condições daqueles veleiros de alto bordo que navegam com o vento em popa; mas é bom que se adaptem também a fazer como as galeras, que navegam seja com o vento ou com os remos, e quando lhes falta o vento próspero da divina inspiração, devem navegar com os remos das faculdades do próprio espírito, ajudadas pela divina graça. E este modo de fazer oração acaba sendo muitas vezes mais frutuoso, embora não seja com tanto gosto.



(Da Gramática de Padre Gaspar - 232-233-234).

MEDITAÇÃO (cont.)

SUGESTÕES PRÁTICAS

Certas pessoas começam a obra pelo avesso: isto é pelo fervor da obra externa de caridade, em que de caridade há pouco e muito, ao contrário, de natureza. Pelo que podem também aparecer neles certos sinais de oração contemplativa; que são somente aparentes, e se reconhecem como tais pela sua inconstância e brevidade, e pela falta daqueles sólidos efeitos que acompanham ao contrário a oração contemplativa autêntica. A esses convém mudar a oração e começar do início, procurando tornar as ações de um fundamento sólido; isto não são das obras externas de caridade, mas do espírito interno. Este produzirá a seu tempo frutos sazonados de verdadeira caridade.

Ocorre além disso que o espírito interior seja assistido por uma mais severa disciplina de obediência a um guia espiritual e de uma forma de oração mais prática que afervore a verdade.

Quanto pois à preparação da meditação deve-se relevar como o sentimento interno e de recolhimento seja melhor que a inteligência e o raciocínio. O primeiro sabe colher as coisas em um golpe de vista, e sem divagar de uma coisa para outra, firma-se no objeto principal; além disso, sem ir adiante para voltar depois atrás da vontade, tem a vontade por companheira e talvez é prevenido por ela. O raciocínio está em nossa mão, seja também com o auxílio de Deus; enquanto o sentimento interno depende de Deus, seja também com o nosso consentimento. Aquilo se usa pelos homens da terra; isto mais se assemelha ao que faremos perfeitamente no Céu.

MELHORAR CONSTANTEMENTE A MEDITAÇÃO

Habitue-se também a se examinar sobre a meditação; refletindo sobre o modo com que ela é preparada e desenvolvida, sobre o conhecimento recebido e as resoluções tomadas, sobre as eventuais distrações e aridez nela sentida.

Quanto às distrações e aridez, convém olhar se foi dado a elas qualquer ocasião; ou no curso da própria meditação com certo descuido na preparação e na aplicação, ou no tempo anterior, ou também com uma solícitude excessiva pelos interesses terrenos. Este tipo de comportamento tem o efeito de afastar do coração os pensamentos e os afetos espirituais; um pouco como a fumaça espanta as abelhas das colméias.

Reconhecido o mal, será possível remediá-lo lutando contra as causas. Além disso, humilhando-nos diante de Deus, confessando como é justo que não chova maná sobre quem quer comer alimentos grosseiros do Egito. Mas também no caso em que possam pensar que a aridez não dependa da nossa culpa, e seja porém uma prova querida pelo Senhor para fortalecer a alma na virtude, será porém sempre coisa boa humilhar-se e abandonar-se à vontade divina;

cuidando-se bem de reduzir o tempo dedicado à oração, mas procurando se possível acrescentá-lo, para sair vencedor com maior generosidade.

Um meio eficaz para valorizar a meditação é também anotar brevemente os frutos dela obtidos, isto é qualquer luz mais viva e qualquer propósito mais importante, a fim de que lendo depois as coisas anotadas se encontre mais facilidade em executá-las; assim como o hortelão em tempo de seca se serve da água recolhida em tempo de chuva abundante.

FIDELIDADE À MEDITAÇÃO COTIDIANA

Graças à meditação Pe. Gaspar vivia sempre unido com Deus. E o que ele praticava fielmente o recomendava a todos e com mais calor, às pessoas consagradas a Deus. Aconselhava-o também aos jovens dos Oratórios por ele instituídos, muitos dos quais sobretudo aqueles seus primeiros alunos e companheiros, deram frutos prodigiosos por este santo exercício.

Para os seus religiosos dos Estigmas depois, não era puro conselho ou exortação, mas sobretudo um dever, e dever rigorosíssimo. Neles teria tolerado a omissão de qualquer outro dever, mas da meditação jamais. E se às vezes a urgência de qualquer trabalho particularmente importante os tivesse impedido de fazer a meditação no tempo estabelecido pela manhã, queria que a fizesse, e por inteiro, o mais rápido possível.

Recomendava grandemente a meditação e procurava o mais que podia que seus filhos a fizessem antes da Missa, não obstante a urgência das confissões; ao menos em parte, e depois se completasse em outra hora,



(Da Gramática de Padre Gaspar - 235-236-237).

EXAME DE CONSCIÊNCIA

UM BALANÇO ESPIRITUAL

Deus se digna falar antes como Pai que como Juiz. Prestemos conta do nosso serviço antes que o Senhor no-lo exija.

É preciso que façamos com os nossos pecados o que estamos acostumados fazer com as despesas de cada dia. Convocada a nossa consciência, exijamos dela as contas das ações, das palavras, dos pensamentos. Vejamos quanto foi gasto de modo conveniente e útil, e quanto ao contrário contra nós mesmos; que foi mal empregado em murmurações, em conversas torpes, em palavras ofensivas; que pensamentos tenha provocado maus olhares; qual das nossas escolhas foi espiritualmente prejudicial, tanto se o mal foi feito com as mãos, ou com a língua, ou com os olhos.

Cuidaremos pois, do modo de abstermo-nos das despesas inoportunas. Antes, no lugar daquilo que gastamos mal, procuraremos colocar em seguro outras entradas; no lugar das palavras ditas levianamente colocaremos orações; no lugar dos maus olhares colocaremos esmolas e jejuns. Pois se somos levados a fazer despesas erradas sem economizar, e não cuidamos de reabastecer bem os nossos armazéns, nos encontraremos reduzidos à miséria, com o risco de cair no supremo suplício.

Para fazer o exame de consciência procurar um Santo da mesma vocação quase como um espelho; tudo o que faltar daquela perfeição é defeito.

COMO FAZER O EXAME DE CONSCIÊNCIA

Um bom exame de consciência exige estes cinco momentos:

PRIMEIRO: Dar graças a Deus pelos benefícios recebidos; a fim de que colocando em confronto estes benefícios com nossas faltas e os nossos pecados tomemos ocasião para confundir-nos e nos arrepender. No primeiro ponto do exame, isto é, no agradecimento, prostrado por terra diante do céu, grande sentimento da divina presença, e amor e ofertas.

SEGUNDO: Pedir graças para conhecer bem os nossas pecados e defeitos, e para ter a força de expulsá-los: “Nada mais ardiloso e irremediavelmente mau que o coração. Quem o poderá compreender? Eu, porém que sou o Senhor, sondo os corações e escruto os rins segundo o seu comportamento e os frutos de suas ações.

TERCEIRO: Pedir contas à alma das culpas cometidas. Examina as culpas da tua alma, evoca as contas com toda exatidão e tem coragem de dizer: porque você ousou isto ou aquilo? Se a alma evita responder e se põe a explorar os fatos alheios, diga-lhe claramente que não é daquilo que você pretende julgá-la, e que ela tem que cuidar das próprias culpas, não das alheias.

QUARTO: Pedir perdão a Deus das faltas cometidas. “O justo abre a boca para orar, e pede perdão dos seus pecados” (Eclo 39, 7).

QUINTO: Propor a emenda com a graça de Deus. Se Deus perceber que nós nos colocamos no caminho da virtude e da luta contra o mal, aprovará e apreciará a nossa conversão e nos será pródigo em seus dons. Nem mesmo nós sabemos desejar tanto o perdão de nossas culpas e nossa salvação quanto Ele mesmo o deseja, e se apressa em assistir-nos para que possamos conseguir a libertação.

EXAME PARTICULAR

Encontre tempo toda noite para o exame de consciência, especialmente sobre o defeito predominante.

Procure individuar qual entre as paixões seja a mais difícil de vencer, e contra ela se coloque em ação com particular esforço as armas do espírito. Assim superadas as paixões mais resistentes, será depois mais fácil vencer as outras que ficam; primeiro, porque com o acontecer das vitórias a alma se tornará sempre mais forte; segundo, porque passando de um combate mais duro a um mais fácil, ficará mais acessível também a vitória. Assim, superados os vícios mais fortes e enfrentando depois, pouco a pouco, os mais frágeis, se chegará um pouco por vez à vitória completa.

A cada vício se opõe uma virtude; como à soberba a humildade, à avareza a misericórdia, à luxúria a continência, à ira a mansidão, por isso o objeto do exame particular pode ser não só a luta contra os vícios e os defeitos, mas também o esforço para a aquisição das virtudes.

“Foi-me dito por Pe. Gaspar para começar com o exame particular sobre estas palavras de S. Gregório Magno: Em tudo que fizer olhe para Ele e se esforce para organizar sua vida conforme seu exemplo. Na oração que fiz depois que me foi dito para iniciar o novo exame, provei muita consolação por ter um meio de considerar mais vezes o Redentor, por consequência unir-me também a Ele; porque é difícil pôr-se a considerá-Lo sem que se sinta atraído a Ele. A oração passou toda nesta consideração, e em provar vivo desejo de aprender a imitar um tal Modelo”.



(Da Gramática de Padre Gaspar 238 – 239 – 240).

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

O QUE SÃO OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

“Os Exercícios Espirituais de S. Inácio não são uma simples coleta de piedosas considerações destinadas a favorecer o recolhimento interior e a devota conversação com Deus. Eles são ao contrário um método orgânico e completo, destinado a purificar, reforçar e consolidar uma alma, conduzindo-a da fase do primeiro desapego do mundo até à mais perfeita união com Deus”.

Convencido da eficácia dos Exercícios, S. Inácio não pedia outra coisa senão o retiro de alguns dias para conseguir seja a conversão de grandes pecadores, como também o progresso na perfeição por parte de quem prossegue na mediocridade. Aos pregadores, pois, ele recorda que não pode persuadir os outros quem não está persuadido consigo mesmo; os pregadores de palco não fazem fruto.

O fruto dos Exercícios depende essencialmente de dois fatores: da graça divina e da nossa cooperação. Para obter a graça é necessário a oração; pois só quem reza merece o auxílio divino. No que diz respeito à nossa cooperação, requer-se antes de tudo que nós levemos aos Exercícios uma grande “largueza de coração”.

A largueza de coração nascerá de conceber a amplitude da empresa. Trata-se de lançar os fundamentos do progresso espiritual, que servirão para toda a vida. Vale a pena jogar todas as forças do espírito para dispor-se a receber a graça removendo todos os impedimentos, e para cooperar com ela. A largueza do coração depois se dilatará ainda mais quanto podemos em Deus. Coloquemos uma grande esperança na bondade e liberalidade do Senhor; que, se procura os errantes e também persegue os fugitivos, tanto mais acolherá os que de boa vontade se achegam a Ele e os abraçará. Por isso confiemos na divina clemência, que, como suscitou em nós o bom propósito, dará também a graça e as forças para realizá-lo bem e frutuosamente; já que a sua vontade é a nossa santificação.

DISPOSIÇÕES PARA OS EXERCÍCIOS

S. Inácio que comecemos os Exercícios com grande liberalidade; desejando avidamente não tanto gozar da doçura espiritual, como compreender a vontade de Deus a nosso respeito, e desapegar o próprio afeto de todas as coisas terrenas para endereçá-la unicamente a Ele. É sumamente necessário que, além do desejo de aproveitar no espírito, nós cultivemos uma total disponibilidade a respeito da vontade de Deus de modo que saibamos absolutamente decidirmos em seguir o que Ele inspirar. Por isso não se deve levar consigo nenhuma determinação da qual não estamos dispostos a separarmos. Deus é liberal com quem é liberal para com Ele, e o Demônio não ousa tentá-lo.

Depois não se deve por limites aos dons de Deus, desejando ser iluminados e auxiliados só até um certo ponto e não mais. Seria bem inconveniente que as criaturas se comportassem de

tal maneira com seu Criador. B seria, além disso, sumamente prejudicial; porque de tal modo se privaria daqueles dons maiores que Deus poderia conceder, e além disso com tal mesquinhez e ingratidão para com Deus mereceria não receber nem mesmo aquele pouco que quisesse. Ocorre, todavia dilatar o espírito de modo a desejar com todas as forças unir-se com Deus e ser por Ele enriquecidos quanto mais possível dos tesouros celestes.

Entre as disposições requeridas para obter um bom fruto dos Exercícios está também o esforço para observar algumas simples normas práticas. Não ocupe o tempo com leituras, se não sobre aquilo que diz respeito às meditações, e se faça que tal leitura seja orientada ela mesma para meditação; isto é não lendo às pressas, por avidez de saber e de encontrar coisas novas, mas firmando-se e ponderando com cuidado aquilo que se lê e tornando seus os mesmos afetos. Grande engano pôr-se a estudar nestes dias!

O que se disse da leitura, vale também sobre o escrever. Não se deve escrever senão aquelas coisas que se referem à oração. Em suma é necessário antes de tudo que seja salva a meditação, e que todo o resto sirva a ela.

COMO SEGUIR S. INÁCIO

Tenho para mim que o método para os Exercícios Espirituais seja da nossa parte, o de ater-se às indicações contidas no livro de S. Inácio.

Disse da nossa parte, porque da parte de Deus nosso Senhor é conveniente deixar toda a liberdade, sem restringi-lo nem a horas, nem a temas, nem a métodos, nem a dias. No meu modo de ver isto comporta que, se a alma não está atualmente atraída pelo Senhor, ela deve preparar-se conforme o que está prescrito no livro dos Exercícios de S. Inácio; portanto observar diligentemente o horário, o método, o tema, a ordem e tudo o mais que aí está expresso,

Mas quando o Senhor atrai, não convém esperar outra coisa, mas segui-Lo enquanto O agradar. Abandonemo-nos portanto totalmente a Deus nestes dias, como quer justamente S. Inácio; não pondo limites e não prescrevendo objetivos nem tempos a nosso Senhor. Com prudência e discrição seguiremos o Senhor – que sabe não ficar preso a determinados caminhos – também fora do caminho e fora de tempo.



(Da Gramática de Padre Gaspar 241 – 242 – 243).

MISSÃO APOSTÓLICA

A MISSÃO DE CRISTO

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para a anunciar a boa nova aos pobres, para curar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para por em liberdade os cativos, para pregar o ano da graça do Senhor” (Lc 4,18s). “É necessário que eu anuncie a boa nova do Reino de Deus... pois essa é minha missão” (id., v. 43).

Querendo Deus mandar aos homens um Salvador, escolheu a melhor pessoa possível; que fosse verdadeiro homem, da mesma natureza, a fim de que nos precedesse com o exemplo e nos tratasse com humanidade e compaixão; e por outro lado fosse verdadeiro Deus, seu Filho unigênito, para que pudesse ajudar-nos a resgatar-nos com seu infinito poder. Se de fato Cristo não fosse verdadeiro Deus não poderia trazer-nos o remédio; e se não fosse verdadeiro homem não nos daria o exemplo.

Cristo é a infinita sabedoria, pela qual conhece nossas necessidades; é infinita misericórdia para compadecer-se delas; infinita onipotência, bondade e caridade para vir ao nosso encontro. Infinita é a sua Providência para promover com solicitude o nosso bem; a sua mansidão e afabilidade em tratar-nos como irmãos; a sua liberalidade e magnificência em fazer-nos partícipes das suas riquezas.

Cristo nos lembra que o reino de Deus se realiza não na riqueza e na pompa mundana, mas na pobreza e na humilhação. “Sendo rico, Cristo se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer por sua pobreza” (2Cor 8,9). Pela humilhação se vence. “Humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou” (Fl 2,8s).

Ora nós somos marcados com o sigilo e o caráter de Cristo. Quem quiser segui-Lo é necessário que trabalhe e se afadigue com ele. “Se alguém me quer servir, siga-me; e onde eu estiver, estará ali também o meu servo” (Jo 12,26). O prêmio será correspondente à fadiga.

COMO O PAI ME ENVIOU ASSIM EU VOS ENVIO

Cristo no exercício de sua missão percorria as cidades e as aldeias da Palestina acompanhado de seus discípulos. Ele mandou depois os seus discípulos ao mundo para anunciar o Evangelho a todas as criaturas.

Dos seus discípulos Ele exige que olhem Nele, que façam o que Ele fez, que estejam prontos a não ter outro alimento ou vestimentas ou outras coisas se não aquelas que ele mesmo tinha. Cada um esteja disposto a perseverar com Ele nas mesmas fadigas, nas vigílias e nas privações, para serem participantes da mesma vitória e felicidade. Ele de fato não se limita a mandar, mas se afadiga por primeiro e por primeiro sofre, se expõe às perseguições e à morte. Não quer para si só a honra da vitória nem as vantagens e a felicidade. Com seus discípulos Ele quer dividir a honra e o reino, em proporção das fadigas e sofrimentos.

Se eu encontrasse almas verdadeiramente dispostas a dar-se a mim sem reserva – confiou Cristo a uma santa – tudo aquilo que você lê nas vidas dos santos que eu fiz a eles o faria também com tais almas, e estaria pronto também a operar milagres, porque “não é a mão do Senhor que se encurtou” (Is 59,1) e eu sou sempre o mesmo.

Certamente, aqueles que querem dedicar-se totalmente ao serviço do Evangelho, sabem ser chamados não só a suportar fadigas, mas também a cumprir empreendimentos sempre maiores e mais empenhativos, depois de haver superado a rebelião da carne e dos sentidos, o amor próprio e a vanglória. Que se veja ao menos um esboço daquilo que fez Cristo juntamente com seus Apóstolos, porque agora não há necessidade maior.

VÓS SOIS A LUZ DO MUNDO

“Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14). “Não haveria certamente mais pagãos – dizia S. Crisóstomo – se nós cristãos fôssemos verdadeiramente como deveríamos ser; se obedecêssemos os mandamentos de Deus, se soubéssemos não vingarmo-nos das injúrias recebidas, se insultados conseguíssemos retribuir abençoando, se fôssemos capazes de retribuir o bem pelo mal. Não haveria ninguém, por mais feroz adversário, que vendo-nos agir assim não aderisse de boa vontade à verdadeira religião. Vejamos quantas pessoas Paulo sozinho soube atrair a Cristo. Se fôssemos todos assim poderíamos na verdade converter o mundo.

O Senhor nos escolheu, para sermos pontos de luz, quase como anjos morando na terra entre os homens, como pessoas adultas entre crianças, como homens espirituais no meio de tantos que são ainda carnis. O sol está no Céu, mas de lá lança seus raios sobre a terra; e assim nos cristãos, vivendo com o corpo na terra, mas com o espírito no céu, podemos iluminar e acender o fogo ao nosso redor com o exemplo da virtude”.



(Da Gramática de Padre Gaspar 301 – 302 – 303).

MISSÃO APOSTÓLICA (cont.)

VALOR DO TESTEMUNHO

“Dei-vos o exemplo, para que, como eu vos fiz, assim façais também vós” (Jo 13,15), disse Jesus aos Apóstolos. Dele sabemos ainda que começou primeiro a fazer, depois a ensinar (cf At 1,1), e que ensinou mais com fatos que com palavras.

É com as obras que Cristo ganha a adesão de fé aos seus ensinamentos. Exorta à mansidão, e o faz apresentando o seu exemplo: “Aprende de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29). Ensina a pobreza e a demonstra em si mesmo com os fatos: “O Filho do homem não tem onde repousar a cabeça” (Mt 8,20). Prescreve amar os inimigos; e o ensina sobretudo pedindo, sobre a cruz, pelos seus crucificadores (Lc 13,34). Diz: “Se alguém te citar em juízo para tirar-te a túnica, cede-lhe também o manto” (Mt 5,40); e Ele não só deixou que lhe tirassem as vestes, mas deu também o seu sangue, e assim quis que fizessem também seus discípulos.

Como Cristo fez também S. Paulo, que pôde dizer: "Sede meus imitadores, irmãos, e olhai atentamente para os que vivem segundo o exemplo que nós vos damos" (Fl 3,17). Não há nada mais frívo que um mestre que só raciocina com as palavras; o que é próprio mais de um hipócrita que de um mestre. Por isso os Apóstolos ensinavam antes com o exemplo, depois com as palavras; aliás não tinham necessidade de tantas palavras, desde que já os fatos eram gritantes.

É também verdade, por outro lado, que não é necessário ter em mira principalmente o bom exemplo; isto seria um erro. Mas é preciso cuidar de agir bem, e de agir de modo perfeito; o exemplo segue por si.

OLHA POR TI E PELO TEU ENSINAMENTO

“Olha por ti mesmo” (1Tm 4,16), isto é, esteja atento em considerar freqüentemente, em examinar, corrigir e ordenar tuas ações, teus comportamentos. “Olha pelo teu ensinamento” (id) para bem ensinar os outros.

Este duplo empenho é necessário para todo verdadeiro Apóstolo: ensinar primeiro a si mesmo, e depois ensinar os outros. Viva antes de tudo para ti, atenda-te se queres ser de auxílio aos irmãos. Porque aqueles que descuidam de si mesmos para dedicar-se totalmente ao cuidado do próximo correm o risco de ver-se como evaporar o espírito, e acabam por não ajudar nem a si nem aos outros.

“A tua consideração – ajunta S. Bernardo – deve começar de ti, a fim de que tu não tenhas que dispersar talvez em vão em outras coisas descuidando de ti mesmo. O que adiantaria se ganhasses todo o mundo, se perdesse a ti mesmo? Sejas sábio quanto quiseses; mas em todo caso falta muito à tua sabedoria se não és sábio para ti mesmo. Quanto te falta? Não saberia dizer; mas segundo o meu parecer te faltaria tudo. Mesmo quando tu conhecesses os mistérios e

as dimensões do universo, a altitude do céu e a profundidade do mar, se ignorasses a ti. mesmo serias semelhante a quem quisesse construir sem fundamentos; faria não um edifício, mas uma ruína”.

Reflete continuamente sobre teu modo de vida, com a finalidade de viver sempre bem. “Assim fazendo, salvar-te-ás a ti mesmo e aos que te ouvirem”.

O CAMINHO DO EVANGELHO NO MUNDO

A graça do Espírito Soante criador é destinada a iluminar também os povos que ficaram afastados da fé. Vão sendo assim diluídas as trevas do erro mediante a pregação da verdadeira fé e vão sendo destruídas as obras do demônio com o anúncio do Evangelho.

Infelizmente o caminho do Evangelho no mundo se torna muitas vezes difícil pela escassez dos pregadores; por isso é necessário se esforçar para promover a todo vapor o número e o fervor das vocações missionárias. Nos países não cristãos o caminho do Evangelho encontra talvez um obstáculo na falta de liberdade de pregação; para vencê-la é necessário um zelo sempre renovado e uma inexaurível paciência apostólica.

Não se pode nem mesmo ignorar o risco de uma certa inconstância, pela qual no próprio missionário pode atenuar-se num dado momento o zelo para trabalhar pela salvação das almas – que deveria ao contrário ser tanto mais ardente quanto mais essas se mostram obstinadas – e o ímpeto para procurar a glória de Deus, que deveria se tornar tanto mais forte quanto mais graves são as dificuldades: “Porque o amor é forte como a morte, a paixão é violenta como o cheol” (Ct 8,6).

Mas as dificuldades não seguram a marcha missionária da Igreja, que depois de haver renovado os povos graças à obra de seus pregadores com o anúncio do Evangelho, sabe conservar neles esta feliz novidade combatendo contra os riscos da corrupção, e a um certo ponto também o modo de tomar um especial cuidado dos mais perfeitos; favorecendo nas novas comunidades cristãs as vocações para as diversas formas de vida consagrada, compreendida a contemplativa; e não hesitando em empenhar para isto os cuidados mais delicados daqueles seus ministros que amam servir bem os interesses da glória de Deus.



(Da Gramática de Padre Gaspar 304 – 305 – 306).

MISSÃO APOSTÓLICA (cont.)

LUTAR COMO CRISTO E UNIDOS A ELE

“Se o mundo vos odeia, sabeis que me odiou a mim antes que a vós” (Jo 15,18). Sabendo que por muitos de seus discípulos o sofrer as hostilidades e as perseguições do mundo seria muito duro e quase insuportável, ao ponto que mesmo certos espíritos sublimes seriam abalados, Cristo previne os Apóstolos contra tal eventualidade; a fim de que se disponha a afrontá-las com coragem e generosidade, desprezando o ódio e as perseguições, chegando até a gloriar-se delas e a gozá-las como autênticos distintivos dos discípulos de Cristo.

“Se me perseguiram, também vos hão de perseguir” (Jo 15,20). Não se admirem, nem se perturbem quando o mundo vos odeia – quer nos dizer o Senhor – alegrai-vos, antes, de poder assim se tornarem meus imitadores. No mais, ficai seguros que como aquele ódio não prejudicou a mim, assim não prejudicará nem mesmo a vós. Se o mundo vos persegue é sinal que não sois dele, que não estais de acordo com suas obras, mas que sois contrários a ele: como eu. E dizendo isto faz compreender que ele nos ama de modo particular porque somos seus, escolhidos por ele para condenar as obras do mundo e cooperar para a salvação dos homens; com a certeza que este seu amor nos trará uma vantagem muito maior do que não seja o prejuízo que possa vir da hostilidade do mundo.

“Senhor Jesus, tu és para mim modelo no sofrer e prêmio do meu sofrimento, meu sustento na luta e minha glória no triunfo. Com o exemplo da tua virtude “adestras minhas mãos para o combate” (Sl 17,35), e depois da vitória coroas a minha cabeça com a presença da tua majestade. Faze que a imitação do teu exemplo na luta, e a esperança da coroa, que és tu mesmo, me atraiam e me unam indissolavelmente a ti”.

COMUNHÃO E MISSÃO

Ocorre congregar, reunir, muitos operários do Evangelho sob um mesmo Espírito. A união faz a força. Enquanto estivermos isolados e cada um procurar os próprios interesses (cf Fl 2,21) não obteremos nada, seremos vencidos um a um. Quando nos unirmos procurando os interesses de Jesus Cristo, então obteremos tudo, venceremos todas as coisas. Por isso, Nosso Senhor dizia: “Peco-te, ó Pai, que sejam um como nós” (Jo 17,11.21).

É necessário não só “encontrar” os companheiros do próprio zelo, mas antes “fazê-los”, e em certo sentido arrastá-los atrás de si, mesmo os mais tímidos. Dever-se-á também examinar o propósito e a vocação de cada um. Não se tome qualquer, mas os melhores, aqueles que se distinguem pelo seu amor para com Deus e para com o próximo; estes sejam escolhidos como companheiros de missão. É oportuno formar, da massa dos bons, uma tropa de trabalhadores perfeitos na confecção da verdadeira fé e no exercício de todas as virtudes, imitadores da vida apostólica; porque com esta tropa bem compacta se possa ir em socorro dos próximos e à luta contra os demônios.

Tanto a tropa como o chefe falarão todos com a mesma voz, tendo um só coração e um só espírito; e serão mandados a espalhar por toda parte a luz do Evangelho. Deste modo sejam reunidos os companheiros de missão por duas finalidades: para recolher juntamente e reunir a luz de muitos exemplos; e para difundir por toda parte a luz da pregação.

NA COLABORAÇÃO O INDIVÍDUO SE MULTIPLICA

É uma grande vantagem para os empreendimentos espirituais encontrar-se duas pessoas unidas no mesmo sentimento. Todos procurem animar-se mutuamente ao estudo amável das virtudes e da perfeição.

Muito bem diz S. João Crisóstomo - comentando as palavras do Evangelho: “Sejam uma só coisa, como tu e eu somos uma só coisa” (Jo 17,21) - que “nada se pode comparar com a concórdia e a recíproca união das vontades: pois por ela o indivíduo se multiplica. Se de fato duas ou dez pessoas estão de acordo, não há mais um só indivíduo, mas cada um será como decuplicado; nos dez encontrarás a unidade, e os dez em cada um”.

Mais adiante diz o mesmo santo doutor: “Eis a excelência da caridade, e de que modo ela faz que um seja multiplicado e inseparável, que se encontrem deveras em muitos lugares ao mesmo tempo, que possa estar seja na Pérsia como em Roma; o que não pode a natureza o pode a caridade”.



(Da Gramática de Padre Gaspar 307 – 308 – 309).

MISSÃO APOSTÓLICA (cont.)

FAZER-SE TUDO A TODOS

A nossa caridade não deve fazer diferença entre pessoas cultas e ignorantes, entre nobres e plebeus, entre homens e mulheres, entre gente da cidade e do campo, mas deve trabalhar indiferentemente para todos, com o critério de privilegiar quem tiver maior necessidade; imitando sempre o exemplo de Cristo, que fez com dificuldade e suor uma longa peregrinação na Samaria, para converter uma pobre mulherzinha que vinha com o vaso na cabeça para tirar água do poço comum; e embora estivesse cansado da viagem, não pensando na comida gastou com ela diversas horas. Tanto o Cristo prezou uma só alma, embora miserável.

Pe. Gaspar passava dos cárceres ao seminário, como de um claustro de piedosas virgens a um retiro de pobres mulheres mundanas. Isto é: onde ele pusesse os pés para evangelizar a paz, ele era tudo a todos, o homem do Senhor, o verdadeiro pastor das almas, em uma palavra o Missionário Apostólico e santo. Bem lhe cabia o que a ele era universalmente aplicado como sua verdadeira e constante divisa: foi tudo a todos, na pegadas de S. Paulo (cf 1Cor 9, 22).

“Atestamos que o sobredito sacerdote - assim o bispo D. Grasser, referindo-se a Pe. Gaspar - é egregiamente fornecido de santidade de vida, de doutrina e de caridade, feito tudo a todos: tanto que o seu zelo refulge acima de todos os outros membros do clero!”

A FAMILIAR CONVERSAÇÃO COM O PRÓXIMO

Cada um tenha diante dos olhos o exemplo de Cristo, nosso Senhor, o qual tendo uma vida de contato habitual com os homens, mesmo comendo e bebendo com eles; e não só observando a perfeição, mas mantendo também um estilo de vida perfeitíssimo.

Também os Apóstolos sabemos que viveram em um estado de perfeição, todavia conviviam familiarmente com os homens, fazendo-se tudo a todos para ganhar todos a Cristo (cf 1Cor 9, 22).

Os antigos monges, quando isto era útil ao próximo, deixavam a solidão do deserto para entreter-se com o povo. De S. Antão abade se conta que, deixando a solidão, rodava por toda a cidade de Alexandria com a finalidade de ensinar a todos.

Visitar as pessoas e entreter-se familiarmente com elas é pois coisa muito agradável a Deus. Naturalmente isto exila uma notável dose de sagacidade e prudência na conversação, segundo o aviso de S. Paulo: “Que as vossas conversas sejam sempre amáveis, temperadas com sal, e sabeis responder a cada um devidamente” (Cl 4,6).

ESTILO DE FAMILIARIDADE

É preciso entrar na casa dos outros ao modo deles, para sair depois ao nosso modo. Desde que muitas vezes as pessoas do mundo são antes inclinadas aos interesses materiais, é

necessário baixar um pouco ao seu nível, e com uma conversação familiar ganhá-las e atraí-las a si para que pouco por vez as predisponham às conversas espirituais. Porque embora às vezes se troque discursos indiferentes, se se faz com esta intenção não serão ociosos, mas úteis e religiosos.

Os caminhos do Senhor - o qual se serve as vezes de meios tenuíssimos e de fios sutilíssimos para entreter uma alma e trazê-la ao seu serviço tirando-a do precipício onde se havia metido - são admiráveis e formam o objeto da mais doce contemplação.

Não é preciso jamais abandonar os nossos amigos, por mais distantes e transviados que estejam; sobretudo se estão abandonados pelos outros bons. Isto é para eles um grande conforto para converter-se.



(Da Gramática de Padre Gaspar 310 – 311 – 312).

MISSÃO APOSTÓLICA (cont.)

A ESTRATÉGIA DE UM GRANDE PASTOR

S. Zeno foi protagonista da mais ilustre batalha e da mais completa vitória. Qual o método e a ordem do seu combate?

Com a mansidão e a hilaridade convertia a Cristo os idólatras. Como? No lugar da coragem a mansidão. No lugar do terror guerreiro a hilaridade. Não nos maravilhem: este é o plano de guerra estabelecido pelo próprio Rei e pelo Comandante que o enviou: “Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio” (Jo 20,21); “como ovelhas no meio dos lobos” (Mt 10,16). Manda seus servos como ovelhas não só aos lobos, mas no meio dos lobos. Ainda que mordidos, não são devorados, mas transformam os seus inimigos. Porque no momento em que Deus quer glorificar-se nos seus servos, faz assim melhor aparecer o poder de sua graça; que é forte para superar e vencer, suave em condescender e em adaptar-se à índole do homem, deste homem que deve ser vencido para sua salvação e que coopera com Deus para vencer para glória dele.

É apreciado como sumamente forte e prudente aquele chefe que não se deixa arrastar pela ira ou pela impaciência nem pela busca da glória ou interesse próprio, mas se faz guiar nas suas escolhas pelas sugestões de uma mente pacata e tranqüila. Ele não trava batalhas, nem a aceita, se o êxito é perigoso e incerto, mas cede, retira, mantém fadigas e prejuízos e insultos sem se perturbar, e no entanto acumula forças, chama socorros; quando se encontra no momento da oportunidade do lugar e do tempo, desfere o ataque e dá a carga. Quando, pois conseguiu a vitória, sabe fazer dela uso moderado e bom, assumindo atitudes não insolentes e cruéis, mas gentis e agradáveis; porque a vitória sobre o inimigo derrotado é completa verdadeiramente quando se chega a conquistar-lhe o coração.

E é ainda pouco que a mansidão do nosso santo ganhe a glória que é própria dos homens; o mais é aquilo que se consegue do Senhor, quando Ele o torna participante da sua própria glória.

MISSIONARIEDADE BERTONIANA

Servir a Deus e à Igreja totalmente gratuito. Quando um é mandado a qualquer lugar não espere nenhuma recompensa nem provisão para a viagem ou para a residência, mas se ofereça e se preste com absoluta liberalidade.

Mantenha-se livre de dignidade, residência, benefícios, como também de todo tipo de cuidado pastoral perpétuo; e se mantenha disposto a ir a qualquer lugar, tanto na diocese como no mundo.

Meios fundamentais para desenvolver a missão apostólica são: a própria perfeição espiritual; a perfeita posse das ciências e disciplinas eclesiásticas; a vida comunitária; o perpétuo e perfeito exercício da castidade, da pobreza e da obediência.

O modo de vida no que diz respeito a comida, vestes e casa, seja de acordo com o uso dos eclesiásticos de vida mais perfeita entre os quais vive; e seja de edificação aos fiéis pela cristã parcimônia e pela pobreza religiosa.

A ORAÇÃO DO APÓSTOLO

Sendo Deus nosso fim, é preciso com o ânimo e a intenção permanecer nele. O que dará muito gosto pela presença do sumo Bem. E Ela, pela infusão de sua caridade e pela comunicação da sua graça, satisfará todos os desejos do nosso coração. Isto é o que Deus fará da sua parte.

Mas porque também nós devemos agir com ele – “não sou eu, mas a graça de Deus que está comigo” (1Cor 15,10) - ocorre que o apóstolo use muita discrição em abandonar os sentidos (quando se puser a experimentar a oração mística): lá onde basta ser ao coração só por poucos momentos. Virá aquele dia que coração e sentidos serão inebriados daquela fonte de felicidade. Mas no entanto para consegui-la - sendo também mercê e prêmio - convém agir para ser este Deus tão bom, ajudá-lo na sua grande obra, pela qual Ele mandou ao mundo o seu Filho; pois esta é a sua vontade, embora Ele não tenha necessidade de ninguém.

O fim, pois, que é a regra de todos os meios, deve ser a regra para moderar também estes afetos da santa devoção. Temos um ilustre exemplo em S. Inácio de Loyola, o qual deixou a doce solidão de Manresa - na qual tinha tão íntimos entretenimentos com seu Senhor - e a contemplação mais doce, pela ação mais viva e eficaz do mundo. Deus, pois, que não se deixa vencer em generosidade pelos seus servos, o retribuiu abundantemente daquilo mesmo que seu servo deixava por Ele.

O tempo é breve, e depois estaremos sempre com Deus. No entanto, digamos com S. Paulo: “Quanto a mim seria muito melhor estar com Cristo”, sem divagar-me com as criaturas, e sair também desta vida; “mas é mais necessário para vós que eu permaneça na carne” (cf Fl, 23-24). “Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor” (Rm 14,8).



(Da Gramática de Padre Gaspar - 313-314-315).

Carta do Mês: Estigmatinidade

MÊS: Janeiro
ANO: 2001
Nº: 125

NOS 90 ANOS DOS ESTIGMATINOS NO BRASIL, LEMBRAMOS OS ABNEGADOS QUE DEIXARAM SUA PÁTRIA PARA TRABALHAR POR NÓS E CONOSCO:

Albino Sella P.	- c. 03.11.1920	f. 27.09.44	
Aldo Belli P.	- c. 19.03.1947	f. 24.06.81	
Aldo da Madice P.	-c. 13.11.1935	f. 05.05.38	
Alexandre Acler P.	- c. 10.08.1924	f. 21.08.57	
ALEXANDRE GRIGOLLI P.	- c. 02.12.1910	r. 25.04-46	f. 17.02.69
Alfredo Casolari I.	- c. 19.03.1923	s. 26	
Angelo Pozzani P.	- c. 23.09.1936	f. 08.01:01	
Angelo Rizzo P.	- c. 07.09.1956	s. 28.01.76	
Antônio Pressacco P.	- c. 16.04.1929	r. 19.08.33	f. 20.03.78
Artur de Vigili P.	- c. 13.08.1935	f. 29.08.79	
Carlos Valenti I.	- c. 03.11.1920	r. 30	f. 21.01.52
César Bianco P.	- c. 06.11.1934	f. 07.11.95	
Cirilo Ambrosi P.	- c. 19.03.1947	s. 05.12.68	
Cirilo Zadra P.	- c. 03.11.1920	s. 30	
Dario de Romedis P.	- c. 31.08.1938	f. 20.06.99	
Dionísio Martinis P.	- c. 13.11.1935	r. 24.04.61	f. 29.04.62
DOMINGOS VALZACCHI Ir.	- c. 02.12.1910	f. 20.05.45	
Donald Farrell P.	- c. 1964	s.	
Donald Toner P.	- c. 10.1965		
Ermelindo Marchesini P.	- c. 04,10.1962	f. 13.01.87	
Ézio Gislimberti. P.	- c. 06.11.1934	f. 09.09.00	
Ferrúcio Tribos P.	- c. 19.03.1947	f. 07.11.85	
Ferrucio Zanetti P,	- c. 07.12.1912	f. 20.07.45	
Fortunato Mantovani P.	- c. 18.07.1921	f. 08.08.40	
Fortunato Morelli P.	- c. 12.05.1922	f. 17.06.80	
Frederico Marasca P.	- c. 06.11.1934	f. 07.07.35	
Frederico Vettori P.	- c. 18.01.1935	f. 03.09.78	
Gino Righetti P.	- c. 19.03.1947	f. 01.03.93	
Graciano Marcolini P.	- c. 05.07.1973	f. 12.01.99	
Guido Brunelli I.	- c. 15.10.1939	r. 25.04.46	f. 19.12.66
Guilherme Decaminada P.	- c. 13.11.1935	f. 28.04.94	
HENRIQUE ADAMI P.	- c. 02.12.1910	r. 16.10.25	f. 23.09.73
João Avi P.	- c. 13.11.1935	r. 02.10.68	f. 11.01.74
João Batista Consolaro P.	- c. 20.05.1923	r. 10.10.61	f. 22.01.68
João Batista Pelanda P.	- c. 01.1914	r. 10.05.29	f. 25.08.40
João Maria Lona P.	- c. 18.07.1921	r. 22.11.32	f. 11.06.33
João Missoni P.	- c. 13.08.1935	s. 04.48	

João H. Ford P.	- c. 17.10.1963		
José Anselmi P.	- c. 06.11.1934	f. 15.03.94	
José Fazzon P.	- c. 27.09.1946	f. 12.08.90	
José Bonomi P.	- c. 23.07.1977		
José Colli I.	- c. 03.01.1938	s.	
José Bissolli I.	- c. 15.10.1939	s. 48	
José Dalvit P.	- c. 23.09.1936	r. 01.54	f. 10.01.59
José Finetto P.	- c. 18.04.1926	f. 02.02.45	
José Nardon P.	- c. 11.07.1931	f. 05.03.33	
José Pasqualli P.	- c. 13.11.1935	s. 10.01.49	
José Tondin P.	- c. 03.11.1920	f. 14.05.67	
Júlio Sief P.	- c. 19.03.1923	r. 12.12.36	f. 08.12.71
Leão Geracci P.	- c. 17.10.1963	r. 11.05.64	f. 14.11.66
Luciano Dal Zoppo P.	- c. 19.03.1947	f. 28.05.90	
Luiz Abram I.	- c. 16.11.1924	r. 01.09.27	f. 14-05.74
Luiz Benedetti P.	- c. 22.08.1934	f. 21.10.57	
Luiz Eccli P.	- c. 23.09.1936	r. 07.10.86	f. 15.04.93
Luiz Maria Fernandes P.	- c. 20.05.1923	f. 30.07.79	
Mário Bisinelli P.	- c. 22.09.1978	f. 25.02.88	
Mário Chiandussi P.	- c. 26.08.1947	f. 26.04.63	
Modesto Nones P.	- c. 13.11.1935	f. 03.03.92	
Oswaldo Missoni P.	- c. 15.10.1939	r. 26.11.83	f. 05.05.86
Paulo Sozzi P.	- c. 10.01.1930	f. 19.08.57	
Pedro Zappini P.	- c. 04.10.1962		
Pio Nicolis-P.	- c. 03.06.1973	r.	
Primo Scussolino P.	- c. 21.10.1931	f. 28.03.60	
Samuel Chameal P.	- c. 11.01.1969	r.	f. 02 10 93
Silvio Segá P.	- c. 16.11.1924	r. 16.10.25	f. 14.04.29
Silvio Todeschi P.	- c. 31.08.1938	s. 40	
Simeão di Lenardo P.	- c. 23.09.1936	f. 09.10.65	
Vitaliano Stefanutfo I.	- c. 05.05.1937	s. 26.01 63	
Vitório Gardumi P.	- c. 26.05.1956	f. 08.12.86	
Vitório Nardon P.	- c. 06.11.1934	f. 22.11.94	

NO CHILE:

Daniele Giacopuzzi P.	- c.
Luigi Tortella P.	- c.

Bento Arpad Gyula Suiz - entrou já sacerdote e professou aos 23.01 1981 e faleceu aos 08.11.1992.

(c.= chegou r.= retornou s.= saiu f.= faleceu).

O último dos "primeiros" - Pe. Ângelo Pozzani - faleceu aos 08.01.2001

Parafraseando o Pe. Provincial, encerramos:

"A todos os falecidos que se dedicaram incansavelmente na FUNDAÇÃO e SOLIDIFICAÇÃO da Congregação no Brasil, nestes noventa anos de história, a gratidão de todos os Estigmatinos brasileiros e uma prece pelo descanso eterno de todos eles na companhia dos santos"

